



FOLHA INFORMATIVA - 05 / 2018 / Maio-Junho

CRÓNICAS DO CRUZEIRO DO TEJO

2ª Etapa: Vila Velha de Ródão – Praia do Alamal

A procissão nocturna de Vila Velha de Ródão

Pode dizer-se que a segunda etapa do VI Cruzeiro se começou a preparar na noite que a antecedeu, com a realização de uma procissão nocturna promovida pela diocese. A procissão, em sentido profundo, evidenciou o sentimento de pertença dos fiéis à sua igreja, num espaço externo ao templo, proposto para incorporar o conjunto da comunidade no espírito de aproximação entre o sagrado e o profano. Noutro sentido, a procissão propôs a autenticidade e autoridade da fé e a sua afirmação sobre o espaço profano, promovendo a identidade comunitária a partir dos valores cristãos, de respeito e de amor ao próximo e à natureza.

Esses valores já tinham sido evidenciados pelo Sr. padre Escarameia na edição de 2017 do V Cruzeiro, quando pediu que a Senhora intercedesse com a sua ajuda às populações ribeirinhas que a iam receber ao longo do Tejo e que igualmente intercedesse pelo rio, para o livrar da poluição e da sujidade, assim como pela felicidade do povo de Vila Velha de Ródão.



A procissão nocturna realizada em Vila Velha de Ródão, que reuniu 250 fiéis na noite de 31 de Maio de 2018, que antecedeu e deu o mote para a segunda etapa do VI Cruzeiro

Esta procissão que se realizou na noite de 31 de Maio de 2018 visou obter a protecção divina para o Cruzeiro, para os seus peregrinos e para todos os que nos dias que se seguem irão acudir às margens do Tejo para partilhar o amor pelo seu *Grande Rio* e a sua adoração pela Mãe de Jesus.



Uma procissão de fé e de esperança

Possibilitou a visibilidade duma comunidade organizada em torno da sua fé e evidenciou a natureza profunda da sua religiosidade e da sua esperança num futuro melhor, ligada a um rio que querem que volte a ser um eixo de aproximação e de desenvolvimento para todos os seres que com ele se relacionam e que dele dependem, evidenciando que nas suas margens está a árvore da vida.

A segunda etapa do VI Cruzeiro: Vila Velha de Ródão – Praia do Alamal

A partida para a segunda etapa do Cruzeiro deu-se no cais de Vila Velha de Ródão, na presença de 135 pessoas. O Sr. padre António Escarameia, como é já tradicional, emprestou ao acto com a sua presença uma solenidade e uma simplicidade muito próprias. Disse-nos o Sr. pároco nesse momento simbólico da partida:

Está a chegar a hora da despedida desta imagem que representa Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo. Passa a imagem mas fica a mensagem que ela nos trouxe.

É uma mensagem de paz, de fé e de esperança que nos estimula a um amor filial à Mãe de Jesus, tal como às nossas mães cá da terra.

Só no dia de ontem foram mais de 500 as pessoas que esta imagem de Nossa Senhora envolveu em três grandes manifestações de fé.

A Virgem N^a Sra. dos Avieiros e do Tejo leva no seu coração as preces, as lágrimas silenciosas, os sofrimentos, as esperanças e as alegrias de quantos a invocaram com profundo amor filial, desde Malpica do Tejo, passando por Perais, Vila Velha de Ródão e Fratel.

Estas comunidades paroquiais deixam, à Comissão Organizadora deste VI Cruzeiro Religioso e Cultural do Tejo, um sincero obrigado pelos momentos que nos proporcionaram. No próximo ano cá vos esperamos novamente.

Que Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo nos abençoe.



O momento simples mas solene da partida, assinalado pelas palavras do Sr. pároco António Escarameia

Antes de partirmos, e de uma forma que foi para nós uma surpresa muito agradável, um operador turístico local anunciou que o seu barco-restaurante – recentemente adquirido – se iria incorporar na procissão fluvial. A embarcação ainda ostenta o pavilhão holandês, foi adquirida há muito pouco tempo para operar no rio Tejo em Vila Velha de Ródão e tem duas características que a tornam muito interessante, (i) porque funciona como restaurante para 75 pessoas e (ii) porque tem um deque muito amplo que permite aos turistas desfrutar das belíssimas paisagens do *Grande Rio* naquela imponente zona.

Assim o prometeu e assim o cumpriu, porque se incorporou no cortejo fluvial e nos acompanhou ao longo do rio até ao cais de Santana, onde ocorreu a primeira paragem desta segunda etapa. Para nós foi uma grata surpresa, porque a impressionante embarcação transportava inúmeras pessoas no seu deque, que aproveitaram aqueles momentos não só para acompanhar o cortejo com a Imagem, como para apreciar uma paisagem certamente nova porque vista de uma perspectiva que não tinham tido até aí. Pela forma como decorreu esta parte inicial da segunda etapa, só podemos saudar o empresário de Vila Velha de Ródão que teve a iniciativa de arriscar a compra de uma embarcação que se pode revelar fundamental para o desenvolvimento turístico local e regional.



Partida para a segunda etapa. A imagem capta as embarcações a partir de Vila Velha de Ródão



O cortejo fluvial a aproximar-se do monumento natural das *Portas de Ródão*, que permite visualizar a dimensão relativa do barco-restaurante em relação às bateiras e aos botes. À frente do cortejo veio sempre o barco-guia com a Imagem. Este barco é de um pescador de Santana, que fez questão de participar e de transportar aquele símbolo religioso

Aproximámo-nos rapidamente de Santana e aí atracámos, sendo recebidos como sempre com um calor humano só possível em pessoas de boamente como são as santanenses. Já não estranhámos o tipo de recepção e o carinho que demonstraram. Estranhámos sim a enorme quantidade de pessoas presentes, não só por ser 6ª-feira mas também por aquele ser um local de difícil acesso. Provou-se que a fé remove montanhas e que o gosto de partilhar bons momentos de convívio permite tudo ultrapassar. O cais estava cheio de pessoas a receber a Imagem e o cortejo, como os peregrinos que estavam no barco-restaurante puderam comprovar, observando-nos do meio do rio.



Chegada ao cais de Santana. Ao fundo, o barco-restaurante que nos acompanhou até aqui. De costas para a objectiva estão dois dos fuzileiros navais que acompanham o VI Cruzeiro

Fomos de seguida convidados para tomar um pequeno-almoço, bem servido à boa maneira dos hospitaleiros alentejanos, com produtos da gastronomia tradicional – queijos, enchidos, pão-caseiro, vinho regional... mas sem exageros nos consumos. A frugalidade é uma norma. Despedimo-nos com um “até para o ano”, agradecendo a recepção ao Sr. presidente da Junta de Freguesia, Joaquim Carita, e rumámos à Barragem do Fratel, com a Imagem a ser transportada de novo pela embarcação do pescador de Santana, o Francisco São Pedro. Ele prometeu-nos que para o próximo ano, no VII Cruzeiro, quer vir no cortejo desde Malpica do Tejo, mas levando então um barco típico *picareto*, representativo da cultura dos pescadores deste significativo troço do Tejo.



A Imagem chega ao cais de Fratel. Ao fundo, a barragem com o mesmo nome. Fomos recebidos pelo Sr. padre António Escarameia, que fez questão de estar presente na recepção do Cruzeiro em Fratel, dado que é uma paróquia da sua responsabilidade. Fomos, como sempre, recebidos calorosamente pelo Sr. presidente da Junta de Freguesia local, Sr. José Pereira Correia, e pudemos então almoçar na companhia das pessoas que tinham vindo assistir à recepção da Imagem, o que fizeram de uma forma emotiva através de cânticos religiosos.



Os cânticos religiosos acompanharam as cerimónias de boas vindas à Imagem. Ao fundo, o Sr. pároco António Escarameia assiste ao acto

Após a recepção e o almoço, fez-se a passagem das embarcações para jusante da barragem do Fratel para se poder continuar a viagem rumo à Praia do Alamal, término da 2ª etapa. Procedeu-se por isso à retirada dos barcos da água, colocando-os em cima de um camião da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, que colaborou connosco em várias frentes organizativas, e que nos permitiu viabilizar o Cruzeiro naquela zona.



Retirada dos barcos da água, na barragem do Fratel, para serem levados de novo para o rio, a jusante daquele empreendimento hidroeléctrico

As embarcações foram então transportadas para a Barca da Amieira, onde ocorreu uma significativa recepção ao Cruzeiro, igualmente à semelhança de anos anteriores. A surpresa foi no entanto maior, por duas razões, (i) porque nunca tinham ocorrido tantas pessoas a uma chegada do Cruzeiro e (ii) porque na margem em frente – na Barca - se concentrava igualmente um significativo número de pessoas, vindas sabe-se lá de que lugares.

Foi esta a altura em que decidimos dividir o cortejo em duas partes destacando uma para ir à outra margem com a Imagem para a apresentar aos fieis que a quiseram saudar, e com outra a organizar as celebrações que possibilitaram uma despedida muito digna.

Nessa altura os cânticos ecoavam numa e noutra margem, perfeitamente audíveis. Como entoavam o mesmo cântico nas duas margens e se registava um certo desfasamento nos tempos musicais, daí resultava uma espécie de eco que se ouvia nitidamente a grandes distâncias, o que muito comoveu a todas as pessoas presentes.



Na Barca da Amieira reza-se o terço e venera-se a imagem



Na altura da despedida, os cânticos fizeram-se ouvir nas duas margens, por aglomerados de pessoas que quiseram saudar a Imagem. Porque cantavam descompassados numa e noutra margem, produzia-se um efeito de eco que se tornou muito emocionante



Instante em que a Imagem é levada aos peregrinos da outra margem, na Barca, após o que foi de novo trazida para a margem oposta para partir em direcção a Belver

Os peregrinos presentes na margem oposta à Amieira do Tejo, na Barca, manifestaram a vontade de ali organizar a recepção em primeiro lugar - na próxima edição do Cruzeiro, em 2019 - trocando a ordem com a deste ano, porque consideram que também têm o direito a organizar uma recepção semelhante à da Amieira do Tejo. Ficámos com a sugestão e trataremos de organizar o VII Cruzeiro em 2019 de forma a contemplar a vontade daquela comunidade, procurando não ferir susceptibilidades nem criar divisões.

Qualquer povoação da Barca está distante do Tejo e os acessos ao rio são muito difíceis. Por isso, a presença de mais de 50 pessoas, ali chegadas com dificuldades que nem imaginamos, merecemos o maior respeito e a maior atenção.

Despedimo-nos das duas comunidades igualmente com um *até para o ano!*, e rumámos à Praia do Alamal, último ponto da nossa segunda etapa. Pelo caminho, surgiu-nos no meio do Tejo uma embarcação muito pequenina, com duas enormes bandeiras. À medida que nos aproximámos pudemos divisar que a pequena embarcação era um bote muito pequeno, de tal maneira que fazia as duas bandeiras parecer maiores que a própria embarcação que as desfraldava. Saudámos, reconhecemos a pessoa, e ficou o compromisso da parte dela em participar no VII Cruzeiro, por se tratar de um crente e um apaixonado pelo Tejo.

Com o cortejo reforçado continuámos a viagem podendo então ter o privilégio de observar colónias de aves que ali existem como grifos, águias e cegonhas pretas. Pela observação que fazemos como não especialistas, parece-nos que a população de grifos tem aumentado, o que é um excelente sinal. Para além disso, as aves observaram a nossa passagem e não mostraram qualquer sinal de medo pela nossa presença, tendo-nos tolerado naturalmente. As aves de rapina voaram muito baixo, de tal forma que nos apercebemos de pormenores majestosos do seu corpo. Voaram sem preocupações, como evidenciando-nos que aquele era o seu território e o seu espaço e não tinham medo de nós.

Fomos visitados por duas cegonhas negras, que por nós planaram mostrando igualmente que não nos receavam, de todo! É algo que consideramos muito significativo, amantes como somos da natureza e das coisas naturais.

Chegámos à Praia do Alamal e fomos recebidos de uma forma muito boa pelo dono do café-restaurant, tendo a Câmara Municipal do Gavião oferecido a refeição aos peregrinos. Foi uma maneira reconfortante de terminar esta jornada.



Chegada à Praia do Alamal e fim da 2ª etapa. Ao fundo o castelo de Biver observava-nos.